

Violência e racismo enquanto estratégias de controle no setor comercial brasileiro: a construção do acontecimento Beto Freitas no G1¹

Pedro Henrique Magalhães MENDONÇA²
Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

RESUMO

O estudo visa analisar a cobertura midiática do caso Beto Freitas pelo G1, utilizando a narrativização interseccional do acontecimento como arcabouço metodológico. Baseia-se em conceitos de racismo estrutural, interseccionalidade, necropolítica e contrato racial de autores como Collins (2015), Mbembe (2016) e Mills (2023). A pesquisa revela que a cobertura da *G1* carece de uma análise profunda sobre a questão étnico-racial no Brasil, sugerindo a necessidade de incluir contranarrativas e discussões mais amplas para compreender melhor os impactos sociais e sistêmicos desses acontecimentos.

PALAVRAS-CHAVE: violência; racismo; genocídio; acontecimento; comércio.

O CORPO TEXTUALIZADO DE BETO

O Atlas da Violência de 2023, divulgado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, revela que 77% das vítimas de homicídio no Brasil são negras, resultando em uma taxa de mortalidade de negros 10 vezes maior que a de não negros em 2021. O risco de um negro ser assassinado é quase três vezes maior que o de uma pessoa não negra. Um exemplo trágico é o de João Alberto Silveira Freitas, conhecido como Beto Freitas, um homem negro de 40 anos, que foi brutalmente assassinado por seguranças do Carrefour em Porto Alegre no dia 19 de novembro de 2020. A morte de Beto, ocorrida na véspera do Dia da Consciência Negra, foi amplamente divulgada na mídia, gerando revolta e mobilização pública. Sua esposa, Milena Alves, testemunhou o espancamento e asfixia de Beto, que também foi registrado e compartilhado nas redes sociais.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista e assessor de comunicação. Doutorando em Comunicação Social pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGCOM/UFMG), na linha de pesquisa Textualidades Midiáticas. Mestre em Comunicação e Textualidades pela Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop). E-mail: pedrodimendonca@gmail.com.

Beto Freitas era um homem negro. Ser negro no Brasil significa viver em constante perigo, enfrentando absurdos diários em uma nação marcada pelo racismo estrutural (Mendonça, 2021). Antes do assassinato de Beto, outros casos similares ocorreram em supermercados brasileiros, evidenciando um padrão de violência contra pessoas negras. Entre eles, Pedro Henrique Gonzaga, Darlon Oliveira dos Santos, Jean Pierre Oliveira, Moïse Kabagambe, Yan e Bruno Barros, foram vítimas fatais de agressões em estabelecimentos comerciais.

Esses casos são reflexos do racismo estrutural no Brasil, onde pessoas negras enfrentam constrangimentos, agressões e até mortes em espaços comerciais. Pensar na guerra ao negro no Brasil é também refletir sobre a dinâmica das interações sociais e na estrutura de um país erguido sob suor e sangue negro. Assim, compreender os indivíduos negros enquanto sujeitos subalternizados, inferiorizados e racializados dentro de um sistema de opressão, é também entender que esses sujeitos, tal qual outras modalidades de texto, possuem corpos textualizados. Ou seja: é necessário reconhecer que a representação das pessoas é moldada por contextos históricos e sociais, uma vez que os corpos são descritos, narrados e visualmente apresentados de maneiras que refletem as influências e valores de um determinado tempo e lugar, pensando na interdependência entre o visível e o invisível (Antunes, Caldeira, Cirino, Goes, 2019).

A cobertura jornalística, especialmente quando feita de maneira superficial, expõe a repressão aos corpos negros no comércio. Analisar como a mídia aborda esses acontecimentos é essencial para entender como eles são apresentados ao público. O acontecimento, ao se tornar notícia, é experienciado conforme é moldado pela linguagem (Queré, 2012). A prática jornalística muitas vezes falha em abordar adequadamente as questões fundamentais dos eventos noticiados, como racismo e violência contra negros.

Este estudo visa discutir a cobertura midiática sobre a violência e racismo no setor comercial brasileiro, usando o caso de Beto Freitas como exemplo. A análise se focará em reportagens do *GI*, portal de notícias do Grupo Globo, para entender como o jornalismo *mainstream* aborda o racismo no comércio. A pesquisa busca mostrar que o racismo está corroendo a sociedade brasileira, com o comércio sendo um espaço onde as intersecções de raça e classe, conceito apresentado por Collins (2015), se manifestam de maneira evidente e brutal.

Reportagens do *GI* serão analisadas para elucidar como a temática étnico-racial é abordada no caso Beto Freitas. A análise seguirá como protocolo metodológico a

narrativização interseccional do acontecimento, examinando o enquadramento dado pelo *GI*, as narrativas criadas, e as conexões entre diferentes casos de violência contra negros. O objetivo é mostrar que, embora a mídia reporte esses incidentes, muitas vezes falha em conectar os casos a um fenômeno mais amplo de racismo estrutural.

O NEGRO NA MIRA DO PERIGO

A violência em estabelecimentos comerciais revela um cenário alarmante de repressão ao corpo negro dentro de uma lógica de consumo e uma necessidade de regular os espaços. Afinal, o sujeito negro, na dinâmica do capitalismo, é visto no ambiente comercial como um indivíduo perigoso; alguém que pode cometer furto ou qualquer outro delito, subvertendo a ordem. Entretanto, o que acontece na prática é justamente o contrário. O negro é a principal vítima neste contexto, sendo o alvo preferencial de revistas, perseguições, acusações de crimes, constrangimentos, violências verbais e físicas, e assassinatos brutais. Desse modo, a violência e o racismo surgem enquanto estratégias de controle no setor em questão, algo que está em curso pelo Brasil.

Na mira da morte, os negros estão vulneráveis nos estabelecimentos comerciais, enquanto os brancos estão respaldados por uma série de privilégios. A supremacia branca, implicada nas tentativas de criminalização do negro no comércio, também pode ser compreendida na perspectiva de um contrato racial, como proposto por Mills (2023). O contrato racial funciona como uma estrutura analítica para compreender a dominação racial como um sistema político específico. É justamente a lógica de supervalorização do indivíduo branco em detrimento da subalternidade do negro que está em discussão quando o assunto é a presença negra no setor comercial. O contrato racial historicamente demarcou o status racial de brancos e não brancos Mills (2023), criando uma hierarquia racial global sustentada por ideologias racistas e instituições de poder.

É possível, então, refletir sobre a necessidade na segurança privada de combater a presença negra nos estabelecimentos comerciais. A lógica de combate aos sujeitos racializados é similar à regulação feita pelo Estado, por meio da segurança pública, por exemplo, na guerra ao negro, mascarada por uma suposta guerra às drogas. Tal qual acontece nas periferias, quando um jovem é brutalmente morto por um policial simplesmente por ser negro, dados os casos de conhecimento público, no comércio também há uma compreensão de que o negro é um perigo a ser combatido. É uma espécie de negação da existência do corpo negro nestes espaços.

O direito de viver não é garantido para todos. Mbembe (2018), por exemplo, apresenta o conceito de necropolítica, um uso político do poder de vida e morte pelo Estado ou por entidades não estatais em contextos de dominação extrema. Derivado do biopoder de Foucault, que se concentra na gestão da vida, a necropolítica vai além ao enfatizar a capacidade de decisão sobre quem deve viver e quem deve morrer. Este conceito ilumina como certas populações são expostas deliberadamente a condições de morte prematura, seja por ação direta ou por negligência estrutural. A necropolítica opera frequentemente através de um estado de exceção, onde a lei é suspensa para justificar o extermínio ou a sujeição de grupos considerados inimigos ou não merecedores de viver.

Há um pacto entre os brancos que coloca os negros em situação de vulnerabilidade. Bento (2002) explora o conceito de pactos narcísicos para analisar as dinâmicas de poder e privilégio racial nas organizações empresariais e no poder público no Brasil pós-abolição. Os pactos são mecanismos psicológicos e sociais de negação e evitação, pelos quais a elite branca mantém seus privilégios raciais.

A análise levanta questionamentos sobre a teoria da formação étnico-racial. Collins (2015) argumenta que a interseção entre raça, classe e gênero é extremamente complexa, dada a maneira como a raça está intrinsecamente ligada a relações sociais, estruturas e representações culturais. Ao examinar como esses marcadores sociais se entrelaçam, é possível compreender as várias formas de desigualdade que permeiam a sociedade, como exemplificado no caso de Beto Freitas, um indivíduo negro e economicamente desfavorecido que se tornou vítima de violência.

O conteúdo das narrativas jornalísticas é moldado pela maneira como os veículos de comunicação optam por construir os acontecimentos. Segundo França (2012), o acontecimento é algo que ressoa e se destaca na esfera social; algo que adquire importância à medida que é narrado; assim, ele ganha vida por meio do discurso midiático, dos enfoques selecionados e da disseminação de informações pelos meios de comunicação. Conforme Quéré (2012) argumenta, os acontecimentos podem surgir de múltiplas maneiras, tanto como experiências vividas individualmente pelas pessoas, manifestando-se em seu entorno, quanto como objetos de análise, investigação e julgamento que se transformam em discursos.

NARRATIVIZAÇÃO INTERSECCIONAL DO ACONTECIMENTO

Este estudo propõe como procedimento metodológico para análise do corpus uma narrativização interseccional do acontecimento, realizada por meio de etapas para investigar como as narrativas midiáticas são moldadas por corpos textualizados, carregados de intersecções de raça, classe, idade, dentre outros marcadores sociais, desvelando práticas discursivas descontextualizadas presentes em textos jornalísticos.

A narrativização interseccional do acontecimento proporciona uma abordagem estruturada e crítica para analisar como a mídia constrói narrativas em torno da violência contra pessoas negras. Ao adotar uma perspectiva interseccional, busca-se desafiar práticas discursivas inconsistentes, promovendo um entendimento mais profundo sobre a temática étnico-racial e uma crítica à comunicação, em virtude da cobertura jornalística desenvolvida pela mídia hegemônica.

Foram selecionadas as três primeiras notícias divulgadas pelo *GI* sobre o caso Beto Freitas. Para a análise, a narrativização interseccional do acontecimento oferece três categorias, sendo elas:

- a) **perspectivas**, analisando os enquadramentos que o acontecimento recebeu durante a cobertura midiática, identificando detalhes priorizados, fontes ouvidas e personagens que surgem na construção narrativa. Assim, busca-se pensar quais aspectos do acontecimento foram enfatizados, avaliar a diversidade e a posição social fontes, verificar se organizações antirracistas foram incluídas e analisar como a vítima é descrita;
- b) **experiências**, reconhecendo a complexidade das relações sociais, considerando diferentes aspectos da identidade que influenciam as vivências dos indivíduos envolvidos, abordando temáticas e contextualizações presentes. Vislumbra-se verificar se o racismo é abordado explicitamente como um pano de fundo do acontecimento, identificar se há referências a outros casos de violência e assassinato de pessoas negras e examinar se há menção a fatores sistêmicos que contribuem para a violência;
- c) **contranarrativas**, desafiando narrativas simplificadas ou dominantes com a inclusão de vozes marginalizadas, considerando os impactos sociais e mobilizações decorrentes do acontecimento. O foco nesta etapa é identificar narrativas unilaterais presentes na cobertura, observando se há contranarrativas que subvertem as perspectivas hegemônicas, analisando como o acontecimento impactou a comunidade negra em termos de medo,

mobilização e solidariedade, investigando quais ações coletivas foram desencadeadas pelo acontecimento, além de debater sobre propostas e estratégias para enfrentar o problema social.

Quadro 1 – Cobertura inicial do Caso Beto Freitas no *GI*

Manchete	Data
Homem negro é espancado até a morte em supermercado do grupo Carrefour em Porto Alegre	20/11/2020
'Ele gritava que não conseguia respirar', diz amigo de negro morto em supermercado de Porto Alegre	20/11/2020
'Era esperto, brincalhão', diz amigo de infância sobre homem negro morto espancado em supermercado no RS	20/11/2020

Fonte: Mendonça, 2024

A cobertura da *GI* enfatiza detalhes específicos do acontecimento, como a identidade racial da vítima e dos agressores, e inclui descrições detalhadas da violência. As fontes principais são autoridades policiais e representantes das empresas envolvidas. A narrativa se concentra nos aspectos legais e operacionais, como a prisão dos suspeitos e as medidas adotadas pelo Carrefour e pela Vector Segurança. As reportagens mencionam a ausência de registro legal para atuação de um dos agressores como segurança. Não há menção a organizações antirracistas, e a vítima é descrita majoritariamente de maneira factual, com foco na dinâmica do incidente.

As reportagens reconhecem a complexidade das relações sociais ao mencionar que o espancamento ocorreu na véspera do Dia da Consciência Negra e ao incluir dados do Atlas da Violência 2020 sobre o aumento de assassinatos de negros. No entanto, o racismo não é abordado explicitamente como pano de fundo do acontecimento. A delegada responsável pelo caso afirma que ainda não há indicativos de crime racial, o que dilui a discussão sobre racismo estrutural. Não há referências a outros casos de violência e assassinato de pessoas negras, o que poderia contextualizar melhor a ocorrência.

A narrativa principal apresentada é simplificada, focando no incidente isolado e nas reações institucionais. Não há inclusão significativa de vozes marginalizadas que poderiam desafiar as perspectivas hegemônicas. As notícias mencionam dados estatísticos sobre violência contra negros, mas não exploram o impacto do acontecimento na comunidade negra em termos de medo, mobilização e solidariedade. Não são mencionadas ações coletivas desencadeadas pelo acontecimento, e as estratégias para enfrentar o problema social do racismo não são debatidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cobertura da *G1* aborda o crime de forma detalhada, mas falha em fornecer uma análise mais profunda do contexto étnico-racial e das implicações sistêmicas do caso. Mills (2023) enfatiza a necessidade de reconhecer essa realidade histórica para desafiar e transformar os sistemas de opressão racialmente estruturados. A inclusão de contranarrativas e de uma discussão mais ampla sobre o racismo estrutural poderia enriquecer a reportagem e contribuir para uma compreensão mais completa do assassinato.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, E.; CALDEIRA, B. L.; CIRINO, J. A. F.; GOES, J. C.. Como dizer a invisibilidade dos processos jornalísticos: (re) pensando metodologias. In: Bruno Guimarães Martins; Maria Aparecida Moura; Sônia Caldas Pessoa; Graziela Mello Vianna. (Org.). **Experiências Metodológicas em textualidades midiáticas**. 1ed. Belo Horizonte: Relicário, 2019, v. , p. 89-111.
- BENTO, Maria Aparecida Silva. **Pactos narcísicos no racismo**: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público. 2002. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- COLLINS, Patricia Hill. Intersectionality's definitional dilemmas. **Annual Review of Sociology**, 41. 2015, p 1-20. <https://doi.org/10.1146/annurev-soc-073014-112142>
- FRANÇA, V. **O acontecimento e a mídia**. Galaxia (São Paulo, Online), n. 24, p. 10-21, dez. 2012.
- QUÉRÉ, L. A dupla vida do acontecimento: por um realismo pragmatista. In: FRANÇA, V.; OLIVEIRA, L. de (Orgs.). **Acontecimento**: reverberações. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p. 39-51.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Arte e ensaios. 32, pág. 122-151, 2016. DOI: <https://doi.org/10.60001/ae.n32.p122%20-%20151>.
- MENDONÇA, Pedro Henrique M. **O assassinato de Beto Freitas no Carrefour**: racismo, genocídio e a construção do acontecimento jornalístico nos sites G1 e UOL. 2021. 181 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2021.
- MILLS, Charles Wade. **O contrato racial**. 1a Edição. Zahar. 2023.